

SÉRGIO MILLIET E A SEMANA DE ARTE MODERNA

Regina Salgado Campos
USP

O papel de mediador desempenhado por Sérgio Milliet (1898-1966) antes, durante de logo depois da Semana de Arte Moderna de 1922 merece ser destacado, na medida em que o crítico brasileiro serve de ponte ao estabelecer relações literárias e culturais entre o Brasil e a França nesse período.

Ao chegar a São Paulo em 1920, depois de ter passado cerca de nove anos na Europa, Sérgio Milliet, paulista de nascimento, traz na bagagem:

- a) sua formação européia realizada em Genebra, na Suíça, para onde foi aos 14 anos a conselho dos tios maternos. Seus estudos regulares ocuparam-no até o início da Primeira guerra, quando se desentende com os familiares e passa a viver por conta própria;
- b) três livros publicados em francês: *Par le sentier*, poemas de 1917, *En singeant, pastiches littéraires*, em colaboração com Charles Reber de 1918, e *Le départ sous la pluie*, de 1919, também poemas, todos assinados Serge Milliet. São o resultado de sua convivência com um grupo de poetas genebrinos chefiados por Jean Violette. Referindo-se, em livro de 1960, ao bairro em que morava, diz ele: “Aí escrevi os primeiros versos, apaixonados, impregnados dessa tristeza tão profunda da juventude que as decepções não calejaram ainda”.¹ Não deixa agora de menosprezar o grupo, como se pode verificar a seguir:

O que na verdade aconteceu foi eu buscar um derivativo nos cenáculos onde quase sem despesas podia-se filar uma aguardente e recitar uns versos. Ouvir os dos outros era aborrecido, mas como fazer para dizer os próprios sem sacrifícios? No elogio mútuo da camarilha encontrava a ilusão de meu valor e essa ilusão era-me tão necessária quanto a do amor. Esforçava-me, porém, por ser mais discreto.²

Milliet traz ainda uma coletânea de poemas inéditos, agora mais no estilo modernista, que tem como título *Oeil de boeuf* e será publicado na Bélgica, em 1923;

- c) a experiência de ter participado da publicação da revista *Le Carmel* (1916-1918) dirigida por Charles Baudouin, um jovem francês idealista que é desmobilizado por razões de saúde e vem

¹ *De ontem, de hoje, de sempre I*. São Paulo: Martins, 1960, p. 118.

² *Idem, ibidem*, p. 201.

residir na Suíça. Com Henri Mugnier, funda a revista que, segundo ele, "confirmaria em plena guerra a perenidade da vida do espírito, acima das fronteiras".³ Diz Milliet em 1938:

...colaboravam seguidamente na revista o grande poeta suíço Karl Spitteller, os franceses Edouard Dujardin, e J. Pierre Jouve, o flamengo Franz Maaserel, o alsaciano Ivan Goll, os genebrinos Jean Violette, Henry Spiess e Henri Mugnier. Charles Reber e eu formávamos a ala mais moça do grupo, cujo chefe, Louis Charles Baudouin, hoje livre-docente da Universidade de Genebra, não tinha ainda trinta anos. Dava-nos Romain Rolland o apoio de seu nome mundialmente conhecido, ao mesmo tempo que o auxílio material da cessão dos direitos de autor sobre as obras dele que editávamos.⁴

De fato, nessa época em Genebra, conviviam personalidades de várias origens e outras revistas eram criadas, mas nenhuma com a especificidade desta, ou seja, ser o abrigo "daqueles que conservaram não esta ou aquela fé, mas a fé, a simples fé necessária no espírito que está em todos nós, e na humanidade, hospedeira do espírito".⁵ Em depoimento de 1925, diz Henri Mugnier:

Ambos [Baudouin e eu] (...) convencidos dos valores "reais" da guerra e, sobretudo, indignados com o que se tinha tornado o pensamento, o puro e íntegro pensamento no meio do tumulto do momento, empenhamo-nos em fazer de nossos colunas o encontro dos espíritos livres pertencentes a qualquer nação que fosse.⁶

Terminada a guerra, Sérgio Milliet, levado pela curiosidade, decide conhecer outros grupos e vai à Bélgica e a Paris. Retorna ao Brasil em 1920. Como diz em 1960:

Só deixei o bairro homem feito, para voltar à minha terra. O sotaque francês, não o trazia na língua, mas no modo de pensar e de me exprimir, que se tornara claro e preciso, talvez demais para o gosto literário do momento.⁷

Vemos portanto que talvez haja uma certa defasagem entre aquele que chega e aqueles que encontra. Mas vai haver mudanças.

Vem acompanhado do poeta Henri Mugnier (1890-1957) que conheceu ao cenáculo de Jean Violette e, como vimos, um dos fundadores do *Carmel*. No capítulo final de suas memórias *Notre jeunesse - Evocations genevoises* (1910-1920), Mugnier conta detalhadamente o convite que lhe foi feito pelo amigo Serge para que viesse com ele ao Brasil para conhecer o país e, se possível, morar em São Paulo. Ambos participam do planejamento da Semana de Arte Moderna que, como se sabe, ocorreu sob o patrocínio e incentivo de Paulo Prado. Numa das sessões

³ Antoinette Blum. "Le Carmel, 1916-1918. Une revue genevoise d'inspiration européenne", *La revue des revues*, n. 25, 1998, p. 67.

⁴ *Ensaíos*. São Paulo: Brusco, 1938, p. 189.

⁵ Antoinette Blum, *idem, ibidem*, p. 70.

⁶ *De mon village à votre ville*. Genebra: Ed. de la Petite Fusterie, 1925, p. 39.

⁷ *De ontem, de hoje, de sempre I*, *idem*, p. 119.

literárias da Semana poemas de Milliet da coletânea *Oeil de boeuf* serão recitados por Henri Mugnier.

O poeta franco-suíço, que manterá por toda a vida a amizade com Milliet, não se adaptou à vida paulista e, embora tenha composto dois livros de poemas durante sua estada, não conseguiu integrar-se ao ambiente. Vejamos o que diz Milliet em 1932, no artigo "Lembrança do Brasil". Depois de mencionar vários estrangeiros, justifica o texto: "Tudo isso me veio ao espírito ao ler os dois últimos livros do poeta franco-suíço Henri Mugnier, que se referem à sua estadia entre nós (...)"⁸ Vale lembrar que esses livros: *Le baptême sous la ligne*, de 1924 e *La dernière saison*, de 1928 e mais outros quinze fazem parte do acervo da Biblioteca Municipal "Mário de Andrade", doados por Milliet. E as dedicatórias me parecem eloquentes, em particular a do segundo citado: "Pour toi, mon vieux Serge, ces vers écrits en ta terre rouge Mugnier". O livro em si é dedicado "A Monsieur Gustave Milliet et à Monsieur le Docteur Freitas Valle, en souvenir reconnaissant H.M." De fato, Gustavo Milliet é o tio de Sérgio e, quanto a Freitas Valle, Mugnier faz uma conferência sobre Verhaeren no 3º. ciclo da Villa Kyrial em março de 1922. Em seu artigo, diz Milliet mais adiante:

Henri Mugnier é um poeta louro que nos veio das montanhas da Savóia. A miragem tropical o atraiu. Homem das neves eternas e do vento frio do norte, sonhou a possível fortuna nas matas misteriosas, o encanto das ilhas banhadas de sol, a música dolente dos violões e, quem sabe, a aventura de Caramuru.

Emigrou.

A sorte, porém, foi para ele uma fada corcunda. Perseguiu-o. Atormentou-o. Deu por terra com suas ilusões, com suas ambições, finalmente com sua força moral. (...) A alma do poeta inchou de nostalgia e ele se olvidou do que viera buscar. Em vez de esforçar-se por compreender o novo ambiente, no que ele tem de belo e de forte, começou a comparar, a analisar com amargura.

E veio a saudade dos outonos lânguidos (...). Veio a saudade das loiras Watteau, a carícia úmida dos riachos à grama macia dos campos, a nostalgia de uma natureza educada, feita para a delícia do homem e por ele trabalhada. (...) Daí, em meio a alguns bons versos, muita injustiça para conosco. Nós não podemos ser culpados pela sua inadaptação. (...)

Agora, em sua pátria, curado e de posse, novamente, das doçuras que a nostalgia lhe sussurrava aos ouvidos, é provável que se lembre com saudades desse sol sonhado e renegado. Tomara não se deixe levar tão somente pela superficialidade das impressões decorrentes de seu fracasso pessoal.⁹

Na verdade Mugnier recuperou-se e manteve contato com o amigo, pois Milliet publica, em 1948, uma resenha de seu livro *Poèmes du soir*, de 1947:

Diz Charles Baudouin, prefaciando o volume, que não conhece poesia mais simples. E com efeito, nada mais familiar, mais íntimo, mais direto do que os poemas de Henri Mugnier. Escritos aos 60 anos, de uma vida atravessada por duas guerras e um sem número de ilusões, esses versos revelam

⁸ *Términus seco e outros cocktails*. São Paulo: Irmãos Ferraz, 1932, p. 272.

⁹ *Idem, ibidem*, pp. 275-277.

entretanto uma confiança admirável no homem, na sua capacidade de amor e de compreensão. Revelam ainda a integridade de uma alma humilde diante da vida, aceitando-a sem revolta, embora com melancolia.¹⁰

Traduz, no final da crônica, como amostra, cinco estrofes de um dos poemas.

Mugnier aproxima-se dos serviços da Embaixada brasileira na Suíça e volta a São Paulo em 1953, segundo Milliet, "a convite do Itamaraty e se fez um dos mais ardorosos propagandistas de nosso país".¹¹ Em 1958 é publicado postumamente, pela Embaixada do Brasil em Berna, *Poésie brésilienne contemporaine* onde Mugnier apresenta um estudo dos poetas modernistas, com especial atenção para seu amigo de longa data : "No início poeta franco-brasileiro no fundo e francês na forma, [Milliet] tornou-se um autêntico poeta brasileiro na forma, é claro, mas também no fundo uma vez que, fundamentalmente, retornou a suas origens".¹²

Se essa tendência de mediador se manifesta até aqui pela tentativa de Milliet de trazer um companheiro europeu para viver sua experiência em terras brasileiras, assim como na participação da organização da Semana de Arte Moderna, a próxima intervenção vai ser bem mais explícita, já que a revista *Klaxon* é a realização que dá seguimento às atividades modernistas. Deve ter tido peso, em sua colaboração, a experiência genebrina na revista *Le Carmel*. Vemos então uma interferência clara de Milliet na escolha dos colaboradores. De fato, *Klaxon* vai contar com a colaboração de Roger Avermaete, diretor da revista *Lumière* - que aparece desde o primeiro número como representante da revista na Bélgica. Já no no. 1, de 15 de maio de 22, temos o artigo em francês "Les tendances actuelles de la peinture". De Marcel Millet, no n. 7, temos o texto em francês "Conte" e de Joseph Billet, no n. 6, de 15 de outubro, o poema em francês "Paysage".

Vale observar que Milliet não se refere aqui à colaboração de Louis-Charles Baudouin, também seu companheiro dos tempos em Genebra, mas que aparece como representante da revista na Suíça no primeiro número e depois como seu representante na França. Mas já na *Klaxon* n. 1, de 15 de maio de 22, , há um poema em francês inédito "A toi qui que tu sois" de *Miracle de vivre*, no n. 4, de 15 de agosto de 22, há poema em francês também inédito "Solitude d'étoiles"; no n. 5, de 15 de setembro de 22, na seção "Livros e revistas", há um comentário de Mário de Andrade sobre *Le miracle de vivre* (Bélgica, Ed. Lumière, 1922), livro de poemas de

¹⁰ *Diário Crítico* VI. 2ª. ed. São Paulo: Martins/ Edusp, 1981, pp. 23-24.

¹¹ *De ontem....I, idem*, p. 186.

¹² *Poésie brésilienne contemporaine*. Berna: Embaixada do Brasil, 1958, p. 39.

Carlos Baudouin; no n. 8-9, de dezembro de 22 de janeiro de 23, há texto em prosa “Revivescences” de *Premiers émois*, livro ainda inédito.

Em contrapartida, é na revista *Lumière* que Sérgio Milliet vai publicar dois artigos sobre o Modernismo brasileiro, o primeiro em 15 de abril de 1922: “Une semaine d'art moderne à São Paulo”. Trata-se de um artigo curioso, pois o narrador dialoga com uma personagem fictícia, sua amiga Marthe, e lhe conta que, apesar das restrições que fazia um ano antes à atuação dos artistas brasileiros, agora aplaude a novidade da Semana recebida com apupos pelos estudantes. Louva em especial a coragem de Mário de Andrade e Ronald de Carvalho ao exporem suas idéias sobre a arte moderna. Enumera a seguir os pintores que participaram com suas telas para a exposição no hall de entrada do Municipal. Refere-se também às esculturas de Brecheret. Faz então o elogio da música de Villa Lobos. Despede-se prometendo contar em carta próxima as novidades literárias. Em 15 de agosto de 22 é publicada a tradução por Milliet do poema de Mário de Andrade “Paysage (São Paulo)”. De fato, em 1º. de novembro, temos a segunda carta a Marthe: “La jeune littérature brésilienne”. Fala de Oswald de Andrade romancista, em alguns aspectos inspirado em Romain Rolland, e já aqui aventa a possibilidade e a oportunidade da tradução de sua “Trilogia do Exílio”. De Graça Aranha, diz que é autor consagrado e já traduzido na França, que teve a coragem de romper com o passado. Cita até um trecho de uma de suas conferências. Passa então a se referir aos poetas Guilherme de Almeida de quem comenta e traduz fragmentos do poema “Narciso” e “Canção grega”, e a Tácito de Almeida, cujo poema traduzido e comentado é “O enterro do Inverno”. A seguir fala do grande poeta Mário de Andrade de quem traduz “Obsessão”, fragmentos de “Máquina de escrever” e de “Paisagem n. 1” (já publicado integralmente). Vê nele semelhanças com Blaise Cendrars, “pela diversidade dos temas e a variedade de sua inspiração”, Max Jacob e Jean Cocteau pelo espírito fantasista, Louis Aragon pela força de suas imagens e um toque sentimental. Lamenta não poder se alongar sobre Ronald de Carvalho, mas espera que Marthe leia suas colaborações para a *Revue de Genève*. Cita apenas os jovens Luís Aranha, Afonso Smidt, Agenor Barbosa e Renato Almeida, antes de se despedir num final de tarde com neveiro que o transporta, de associação em associação à sua interlocutora. Nessa mesma revista, em 15 de março de 22, é publicada a tradução do poema “La danse des heures” e, em 20 de dezembro, a do poema “Nous”, ambos de Guilherme de Almeida.

Vale observar que, se na publicação belga os poemas são traduzidos para o francês, o mesmo não ocorre na *Klaxon*.

Em 1923, Sérgio Milliet retorna à Europa, onde vai retomar contato com o que se fazia de novidade no campo das letras e artes, além de ficar encarregado de enviar os livros novos, em primeira edição, ou livros raros, para amigos como Yan de Almeida Prado e Couto de Barros. A partir de então inicia-se uma correspondência regular com o primeiro e também com Mário de Andrade. É curioso observar que Milliet escreve em português para Mário e em francês para Yan. Mais um tipo de mediação, agora sob a forma de correspondência e de artigos para França e para o Brasil.

Há troca de comentários literários com Mário de Andrade sobre o último livro de Cocteau, por exemplo, lido simultaneamente em Paris e em São Paulo. Em Paris, o grupo brasileiro é formado por Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Brecheret, Villa Lobos, Rego Monteiro, Anita Malfatti, verdadeira embaixada, segundo Milliet, que convive com muitos artistas modernistas em Paris: Blaise Cendrars, Jean Cocteau, Paul Morand, Jean Giraudoux, Fernand Léger, André Lhote, Darius Milhaud

Sérgio Milliet encontra Ivan Goll, que já conhecia dos tempos da Suíça e lamenta que não tenham sido enviados poemas dos modernistas para integrarem a antologia *Cinq continents* que é então publicada. Acompanhamos então a troca de informações sobre os amigos e a respectiva produção. Mário de Andrade recebe a tradução para o português de *Oeil de boeuf* de Milliet e envia seus comentários (um fragmento é publicado no jornal *A Noite* em dezembro de 25). Milliet comenta também com ele e com Yan a tradução que está fazendo de *Os Condenados* de Oswald de Andrade - tradução essa da qual não restam vestígios. E pensa na tradução de um conto de Mário de Andrade para a *Revue de l'Amérique latine*, mas acabam sendo publicados dois contos de Monteiro Lobato.

Divulga-se o que é feito no Brasil, contando por vezes com a colaboração da Embaixada do Brasil, como é o caso de um banquete oferecido pelo Embaixador Sousa Dantas a intelectuais modernistas franceses, objeto de uma "Carta de Paris" de Milliet, publicada na revista *Ariel*, em outubro de 1923. Milliet escreve também sobre música moderna para a revista *Ariel*, em novembro de 23 e março de 24 ainda sob a forma "Carta de Paris". Agora são cartas para destinatários mais numerosos, mas que enfatizam, além do que vai sendo feito como novidade em Paris, a divulgação da música brasileira a partir de Milhaud, com a participação do brasileiro

Villa Lobos. E o aval francês continua sendo importante para o reconhecimento do artista moderno no Brasil.

Oswald de Andrade, por sua vez, faz uma conferência na Sorbonne "L'effort intellectuel du Brésil contemporain", em 11 de maio de 1923, cujo texto é publicado na *Revue de l'Amérique latine*, ainda em julho de 1923 e a tradução em dezembro do mesmo ano na *Revista do Brasil*. Mas Milliet também escreve para a *Revue de l'Amérique latine* em dezembro de 23: trata-se do artigo "La poésie moderne au Brésil", incluindo poemas de Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Mário de Andrade, Luiz Aranha, Tácito de Almeida, Menotti del Picchia e Couto de Barros traduzidos por ele.

Não dá para negar que há um projeto de mediação nesse trabalho empreendido por Milliet nessa época. Já então, a partir da música, por exemplo, defende uma idéia que vai ser retomada em função de outros temas:

O fato de serem as músicas brasileiras compreendidas e admiradas pelos artistas estrangeiros [fala do caso de Darius Milhaud], prova as famosas palavras dum célebre crítico, escrevendo sobre o grande compositor espanhol Manoel de Falla: "Quanto mais uma obra é regional, mais ela é universal".¹³

Se para a música essa compreensão não necessita da tradução, o mesmo não ocorre na poesia. Temos então o trabalho de tradutor de Milliet que se inicia, mediação necessária à admiração do Outro. Outro esse que é parisiense, sim. É Milliet que ainda nos diz: "Paris já nos olha com curiosidade e até mesmo com simpatia... Isso significa que, dentro de pouco tempo, nos orgulharemos de nossos artistas". A observação é curiosa e lúcida, pois a rejeição brasileira ao modernismo e, no caso, à música popular, vai ser superada, segundo ele, quando o artista brasileiro for bem visto lá fora. Só assim, haverá enobrecimento e aceitação por parte do Brasil. Trata-se, portanto, de um projeto realista e lúcido.

Mas vai ainda mais longe: "A capital francesa é a consagração: as obras aqui aprovadas espalham-se pelo mundo inteiro", diz Milliet na mesma "Carta de Paris". Trata-se de entusiasmo do jovem de 25 anos? Talvez. A mediação, portanto, se encaixa num projeto que às vezes lhe trará decepções, é claro, mas que, ao utilizar o cabedal que tem, fruto de sua formação européia, vai continuar empolgando o brasileiro Sérgio Milliet.

¹³ "Carta de Paris", *Ariel*, n. 6, São Paulo, março de 1924, pp. 214-16.